



OS CATÓLICOS E A VIDA INTERNACIONAL

1600
220230.000
160.1061230
0,69

I - Introdução - Dimensões universais do mundo de hoje

Quando nos grandes aeroportos internacionais de Amsterdão, Londres ou New York, vemos a corrente constante que se desloca de uns países a outros, na busca de prazeres turísticos, na resolução de negócios ou no desejo de um alargamento cultural e humano, temos a sensação nítida de que um parâmetro novo define a mentalidade do homem de hoje, caracterizando a sociedade em que vivemos. Refiro-me à crescente internacionalização de todos os sectores da vida humana.

A simples divulgação dos acontecimentos e das ideias, feita através da imprensa, da rádio ou da TV, torna-nos imediatamente próximos os motins do Líbano, a crise política da França....

Sem que demos conscientemente por tal, tudo isso vai formando em nós uma mentalidade, firmando opiniões, estabelecendo um contacto com povos que não conhecemos. A solidariedade natural que liga todos os homens adquire conteúdo mais profundo e expressão mais ampla. Preocupam-nos dificuldades que se levantam a muitos quilómetros de distância. Adquirimos uma visão mais real da repercussão dos diversos actos da vida. O interior de Thomas Merton no início da 2ª guerra mundial exprime a interrogação que o homem de hoje, perante os seus erros, traições e mediocridades, e os grandes dramas que se desenrolam no mundo, necessariamente tem de formular: "Até que ponto sou eu, pelo mal que há na minha vida, responsável pelo mal que há nos corações dos outros homens?"

Todas as novas aquisições da ciência, todas as novas atitudes que definem o perfil cultural dos povos, são rapidamente difundidas, atingindo assim toda a humanidade.

Sucedem-se os tratados, os congressos, as reuniões internacionais de todos os tipos e sobre todos os temas. E nessa vaga de preocupações existe o germen duma unidade possível, o desejo implícito duma solidariedade efectiva.

Encontram-se os indivíduos em terrenos de interesse comum, mergulham profundamente na alma dos outros povos. E quando, após uma viagem ao estrangeiro, uma amizade nova entrou na nossa vida, também os outros países adquiriram uma fisionomia mais humana, mais diferenciada, mais digna de amor e de interesse.

E este movimento que nasce no plano dos indivíduos alarga-se aos grupos naturais em que os homens se enquadram. Assim, as nações vivem hoje um intercâmbio cada vez mais intenso, que vai até ao ponto de se anularem as próprias fronteiras. O Mercado Comum Europeu, ainda há seis anos condenado por grande parte dos países, é o exemplo flagrante duma mentalidade nova que se forja no mundo inteiro.



As causas que determinam esta evolução são múltiplas e, em certa medida, interdependentes. Não é unicamente a facilidade de comunicações, permitindo-nos alcançar numas escassas 12 horas o outro lado do Atlântico e trazendo até à Europa o ritmo alucinante e cheio de vitalidade do novo mundo ou a civilização milenária da China ou a inquietação da alma africana - não é essa facilidade que por si só vence preconceitos, altera políticas, quebra fronteiras.

Jogam-se hoje no mundo valores tão fundamentais para o bem da pessoa humana e para o equilíbrio harmónico das nações que a união surge como condição indispensável de sobrevivência. Daí que em alguns casos a solidariedade entre as nações apareça estreitamente ligada a planos de defesa militar com que determinados blocos asseguram a sua capacidade de resistência. Se tais planos podem ter que existir, como estruturas indispensáveis para os casos extremos que uma minoria dirigida por loucos ou ambiciosos pode sempre ocasionar, eles são aspectos secundários duma união mais funda que terá de forjar-se nos dados de uma vida normal entre as nações. Planos de intercâmbio cultural e de valorização económica e técnica são as bases essenciais duma interdependência política ou militar. Quando aqueles desaparecem ou são sub-estimados, os segundos transformam o que deveria ser união harmoniosa em compromisso de oportunidade que a primeira viragem da política internacional leva a desrespeitar.

As conquistas da ciência realizam-se em ritmo vertiginoso aquém e além da cortina de ferro num paralelismo impressionante, revelado pela Conferência de Genebra de 55 e pela que se está preparando para Setembro deste ano e, duma forma espectacular, pelo lançamento dos satélites artificiais. Um exame frio da situação faz-nos sentir com a evidência dos resultados materiais a unidade essencial que tais conquistas patenteiam. Mesmo quando ignoram mutuamente os esforços que fazem, as nações convergem no processus técnico, científico, económico, para os mesmos problemas.

Para algumas, equacioná-los é já de algum modo resolvê-los - os recursos materiais e humanos de que dispõem permitem-lhes defrontá-los com a segurança da sua independência. Mas para a grande maioria das nações a solução só poderá ser encontrada ao fim de esforços e sacrifícios e na constituição de grupos susceptíveis de, com maiores probabilidades de êxito, fazerem face aos problemas.

Estamos, pois, perante um mundo em que a dimensão universal é a nota dominante em todos os sectores. Ao olharmos os problemas que se nos põem, como pessoas ou como cidadãos de uma Nação, não podemos ignorar os dados postos por essa exigência de abertura ao mundo. Na verdade, os grandes aspectos da vida social que nos preocupam aqui, neste pequeno País, têm coordenadas comuns em outros continentes e constituem também problemas universais

II - Os problemas do mundo de hoje

Sem qualquer preocupação de ser exaustiva, gostaria de tentar olhar para o mundo e ver a fisionomia humana que nos apre-



enta.

A primeira nota que decorre imediatamente da internacionalização da vida humana é a da pequenez do mundo. Mundo sem fronteiras, mundo sem distâncias, cada vez mais mundo sem segredos, tal é a primeira realidade com que deparamos. Exigência de humildade perante o pouco que somos, perdidos num mundo limitado. Exigência de simplicidade e de verdade perante a realidade complexa mas uma que nos cerca.

Mas não é só um mundo pequeno, este. É também um mundo com uma fisionomia constantemente variável. Tal como o mundo físico muda de aspecto por transformações violentas ou pelas que lentamente se elaboram no seio da terra, também o mundo dos homens - a geografia humana - é variável. Muda o mar o recorte das costas, desfazendo e criando portos ; avança o Saará em cada ano inexoravelmente pela floresta africana ; transforma-se talvez o Antártico em região cultivável e habitável para o homem. Também entre os homens variam os climas e os desertos. Fruto de ideologias que se propagam e rapidamente tomam vulto numa conjugação fortuita de circunstâncias, o que era antes lago torna-se vulcão, o que era antes planície torna-se deserto. O movimento que se produz entre os povos árabes, de violenta reacção ao Ocidente, ou a transformação por que passou a China comunista desde o fim da guerra até hoje, são exemplos dessa mutabilidade dos povos. É assim que a geografia real do mundo não é a que nos mostram os mapas. A Argélia pode, em certa época, por que é o centro de numerosos problemas políticos, alargar-se no mapa humano e como que absorver tudo o resto. E a Ásia pode, apesar de nela viver a maior população, ser apenas hoje (mas possivelmente por pouco tempo) uma mancha difusa no mapa mundial.

Apesar desta fisionomia variável, é possível definir problemas comuns que, nascendo embora em pontos isolados, se alargam ao mundo inteiro. Fruto dessa variação, eles não se confinam aos pontos em que surgiram nem permanecem indefinidamente localizados - tão depressa se equacionam num contexto ocidental como oriental, tão depressa surgem entre povos evoluídos como em civilizações primitivas. Diferem as manifestações e as reacções a que dão lugar, mas os fenómenos permanecem os mesmos nas linhas essenciais que os definem.

Para facilidade de análise, procuremos ver os vários planos em que os problemas se põem.

No plano puramente económico, a FAO e a OMS dizem-nos que em cada ano morrem de fome muitos milhões de homens (cerca de 20 milhões só na China !) ; a duração média da vida humana é de 32 anos na Índia, de pouco mais no Egipto, na África Negra, na América Latina ; a repartição das riquezas está longe de ser justa - abstraindo qualquer crítica a determinados sistemas económicos, quero apenas citar o caso de um país da América Central onde estive no verão passado, e em que a riqueza do país está concentrada nas mãos de 40 famílias, vivendo num luxo impressionante, enquanto a grande maioria da população vive na maior miséria, sem um mínimo de condições de saúde ; a repartição justa da riqueza constitui problema inadiável, tanto mais quanto é certo que alguns dos recursos tradicionais estão prestes a esgotar-se (caso de alguns metais como o cobre e o chumbo, cujas reservas devem ter atingido o seu fim no fim desta século), e, embora a Química esteja constantemente crian-



do novos produtos de síntese, é difícil prever como se fará a substituição. O problema transcende o plano dos indivíduos e das classes sociais para se situar também no plano dos países e das regiões - enquanto nos Estados Unidos em breve metade da população pode ter automóvel próprio, nos países sub-desenvolvidos economicamente 50% pelo menos da população é sub-alimentada.

Condicionando a satisfação das necessidades elementares da pessoa humana, o problema económico exerce forte pressão sobre o problema político, a que está estreitamente ligado. Os problemas que se situam num plano repercutem-se imediatamente no outro. Mas o plano político autonomiza-se também. E aí a complexidade não é menor. Em muitos países do mundo ocidental, as estruturas políticas envelhecem, dando origem a perturbações internas gravíssimas - o mundo ocidental como que se cansou dos seus próprios ideais políticos e cai facilmente numa indiferença amolecedora, tanto mais grave quanto é simultânea com o movimento de emancipação dos antigos territórios coloniais, os quais, na procura, que é justa, da maioria política, carecem, quase por completo, de dirigentes capazes de lhes imprimir a orientação e o dinamismo indispensáveis.

Não pode tão pouco esquecer-se o dado real que é o facto de 1/3 da humanidade viver actualmente sob regime comunista. A existência do bloco comunista e das suas tendências sistemáticas de expansão têm conduzido a um estado constante de guerra no mundo, com surtos localizados aqui e além, muitas vezes aparentemente sem relações com os países comunistas mas servindo-se de todos os pretextos para a interferência na vida interna dos povos. A este estado de guerra, de que a crise do Suez foi a última grande manifestação, as instituições internacionais, cuja missão é salvaguardar a paz mundial, não conseguem pôr termo. A sua ineficácia prática nos momentos de crise põe a questão básica da boa-fé de todos os que são chamados a intervir - refiro-me ao Conselho de Segurança da ONU.

Esta incapacidade prática põe a nu a disparidade de ideologias, o divórcio de concepções culturais, a ausência de uma vida do espírito capaz de fazer face aos múltiplos dados novos do nosso tempo. Vivemos em plena civilização técnica e o homem não foi capaz ainda de encontrar a síntese filosófica capaz de lhe dar um sentido totalmente humano, enquadrando-a sem a mutilar. A ausência de tal síntese tem também tornado praticamente inexistente um ensino a todos os graus adaptado às características do mundo moderno. O problema agrava-se sempre que um encontro de duas civilizações tem de realizar-se. Daí o interesse nascente da Unesco pela valorização recíproca das culturas e duma forma especial pelo encontro do Oriente e do Ocidente.

Todos estes aspectos por assim dizer institucionais andam a par com atitudes morais bem definidas. A desmoralização progressiva dos costumes, o apelo à vida dos sentidos cada vez mais frequente e comercialmente organizado, a emancipação jurídica da mulher sem o fundamento do respeito pela sua dignidade própria e pela sua missão específica na vida social, a instabilidade da família, conduzindo facilmente ao divórcio e à limitação da



natalidade, e abrindo caminho à delinquência juvenil - são aspectos duma concepção da vida fortemente determinantes do comportamento dos indivíduos, dos grupos sociais e das nações.

A consciência da existência destes problemas e da impossibilidade real de as minorias étnicas ou culturais poderem fazer face eficazmente à sua resolução, tem levado à formação das grandes organizações internacionais que, no plano governamental ou privado, se orientam para a resolução específica de alguns dos problemas referidos.

III - A Igreja perante os grandes problemas do mundo de hoje - - sentido cristão da História

Qué significam para a Igreja todos os acontecimentos e todos os problemas que se levantam ao longo do tempo ou numa determinada época? Tal é a pergunta fundamental que o católico terá de fazer ao olhar a fisionomia conturbada deste mundo.

Os problemas que se põem, a agitação que surge aqui ou ali, não têm uma finalidade em si próprios nem são sectores dum círculo fechado. Os acontecimentos do mundo político, económico, social, cultural, são a expressão, eivada do limitado e do erro dos homens, de qualquer coisa que os transcende. Ao definirem-se e concretizarem-se, transmitem uma história que não se circunscribe às circunstâncias, mergulham fundo num mistério que está para além do simples exame lógico dos factos.

A História Santa é a história do povo escolhido por Deus. Desde o princípio da vida humana sobre a terra, Deus estabelece uma aliança com a humanidade. Todo o Antigo Testamento não é mais do que os primeiros passos dessa aliança, ora comprometida, ora dificilmente seguida numa tentativa de fidelidade construída sobre as grandezas e falhas dos homens. Essa história prepara e prefigura a vinda de Cristo. É Ele que explica todo o universo criado, é Ele que explica o homem. O homem-indivíduo e o homem-humanidade inteira. Para Ele tudo converge ao longo do tempo e n'Ele se ratifica, em toda a pureza, a aliança de Deus com o Seu povo. Quando sofre e quando ama, quando luta e quando espera, a humanidade prepara em si o caminho para o Cristo, não segundo um determinismo absoluto, mas segundo um encontro, misteriosamente fecundo, do Amor de Deus e da liberdade dos homens. A vinda de Cristo é o único acontecimento histórico com sentido em si mesmo, o único que não carece de ser explicado, o único que explica tudo o mais.

Toda a história antiga o precede, preparando, nas mil e uma hesitações do povo judeu, a vinda do Filho de Deus. Mas também depois d'Ele toda a história se explica. A aliança de Deus com o Seu povo, ratificada em Cristo, continua ao longo dos tempos - no Evangelho, ouvimo-l'O dizer "Eu estarei convosco até à consumação dos séculos". O Espírito Santo, que sustenta e vivifica a Igreja, desenha, através do balbuciar dos homens, o prolongamento da História Santa. Católicos do século XX, dispersos em mil e uma actividades quantas vezes sem sentido, conscientes da nossa própria mediocridade, perdidos na nossa satisfação pessoal, nós somos o povo escolhido por Deus; comosco se faz a

História Santa.

E a história dos nossos dias e os problemas que inquietam o mundo são aspectos dessa mesma história, pedras com que ela se constroi.

A atitude da Igreja perante o mundo actual não é, por isso, outra senão a de tornar visível, no tatear dos homens, o plano escondido de Deus e de, em cada momento, mostrar o caminho para que das lutas e das aspirações dos homens nasça o verdadeiro plano de Deus sobre o mundo.

Tal é a missão da Igreja - tal é de forma especial a missão dos leigos comprometidos nas várias esferas da actividade humana. Em cada sector há um caminho certo a procurar - no conjunto dos problemas há uma solução certa a descobrir, uma verdade a revelar.

A Igreja está longe pois de se confinar aos actos do culto ou mesmo a uma forte doutrina moral. Ela é expressão duma vida - Vida do próprio Cristo na comunidade dos homens. Por ela completa-se a Redenção, n'Elá se realiza o Cristo total.

Mas o Cristo total toma forma ao longo dos tempos até à segunda vinda que há-de culminar o fim da história. Então Ele aparecerá glorioso entre os homens e as nações se congregarão à volta d'Ele. Resolver os problemas que se põem no plano internacional numa perspectiva cristã é apressar a vinda de Cristo, é contribuir para que se apresse o "mistério de salvação das nações" de que insistentemente nos fala o P. Daniélou nos seus excepcionais livros.

Tal é o apelo que nos vem do mundo de hoje, tal é o significado da complexa fisionomia que o mundo nos apresenta.

Vivemos, pois, não numa sociedade estáticamente preta a concepções e a métodos, mas numa comunidade dinâmica em que só permanece o que é essencial - e esse essencial é tudo, porque é a própria Pessoa do Filho de Deus. N'Ele não há sombra de mudança, Ele é a serenidade perfeita do Ser - "Antes que Abraão fosse, Eu sou". Pertencemos, pois, a uma Igreja em marcha, preparando a vinda de Cristo, construindo o reino de Deus entre os homens. Somos membros de uma Igreja militante - que luta, que caminha, que é viva. Cada paragem é um retrocesso. Cada transigência, uma traição. Porque a Igreja tem em si as características extremas de tudo quanto é profundamente vivo. O mais é n'Elá sempre a totalidade, o melhor não pode senão ser a perfeição. E porque estes são valores que se jogam no fundo da alma humana, atingimos aqui a tonalidade própria da Igreja. Comunidade em marcha, Ela não é massa colectivizada por um ideal comum. Tem raiz em cada alma - e é no segredo de cada existência humana que Ela toma corpo, presença do próprio Cristo no mundo, tanto mais patente quanto mais cada homem se Lhe identificar.

E nesse caminhar para a vinda de Cristo, a Igreja é a Esposa que se reveste do manto multicolor de que nos fala o Apocalipse. Ela não é uma pequena Igreja, confinada à paróquia ou a meia dúzia de santas almas que conhecemos. Ela não estará completa senão quando n'Elá se reunirem todas as nações. Então a unidade que hoje é tentativa, reflexo incerto, tornar-se-á realidade





profunda. Unidade que não significará o aniquilamento de valores de uns em benefício de outros, mas será o pleno florescimento dos dons próprios de cada povo na harmonia do concerto universal das nações. A Igreja será tanto mais viva quanto mais verdadeiramente nela se inserir cada povo e cada raça, com os seus costumes, seu perfil psicológico, seus valores culturais. Tal é o sentido último da universalidade da Igreja.

IV - A dimensão universal da Igreja de hoje

Num mundo em que a dimensão universal tanto se acentua, vale a pena meditar no conteúdo da universalidade da Igreja. Mesmo antes de os homens se encontrarem para resolverem problemas comuns no plano temporal, já a Igreja era universal. Porque a Redenção se estendeu a todos os homens, de todos os tempos, de todos os lugares, de todas as raças. Outro não é o sentido de Igreja Católica. Cristo veio salvar todos os homens e, ao morrer na Cruz, selou com o Seu Sangue uma estranha e misteriosa união que está para além de todas as fronteiras e de todas as diferenças de raça ou mentalidade. ~~Uma primeira comunhão internacional de católicos tem bem mais esse sentido.~~

Nesta atitude universal, a vida da Igreja é uma verdadeira comunhão de graças entre todos os membros, corrente que se estabelece para além de todos os sinais visíveis. Dificuldades e sofrimentos de um povo, são-no de toda a Igreja. ~~a solicitude e as preocupações exercem-se sobre a Igreja. Silêncio bem demonstram. Anseios e limitações de outros povos, a Igreja inteira os toma sobre si. o Santo Padre o disse claramente a propósito de África na Encíclica "Fidei donum".~~

A Igreja é universal também na expressão própria da sua vida - na riqueza da liturgia, na contribuição para a teologia, na facilidade com que envia os que a Cristo consagram a sua vida para qualquer ponto do mundo onde os interesses do Reino são mais prementes.

A Igreja preocupa-se profundamente com todos os problemas que dizem respeito ao homem. Evidentemente pode pôr-se a pergunta habitual sobre se a Igreja interfere no plano temporal. É óbvio que a esfera própria da Igreja é a vida sobrenatural. Mas que é o sobrenatural senão o coroamento e a plenitude de tudo quanto se realiza no plano natural? Por outro lado, os leigos, membros integrantes da Igreja, vivem a vida cristã e dão testemunho de Cristo na vida temporal. Só uma concepção pobre da Igreja e do lugar dos valores religiosos na vida do homem admite uma Igreja desligada do temporal. Todos os valores humanos têm de ser revistos, assumidos, transfigurados pela Redenção de Cristo. E não justapondo-lhes, com a melhor das intenções aliás, uma pincelada de cristianismo, mas fazendo-os viver, por dentro, desse mesmo cristianismo, levando as estruturas e as instituições a serem elementos decisivos na vinda do Reino.



Nesta profunda inserção no temporal, a Igreja toma nas mãos os valores mal esboçados e integra-os, assimilando-os, numa atitude sobrenatural. As características que apresenta o mundo de hoje dão novas possibilidades à Igreja de tornar mais clara e mais eficiente a sua universalidade essencial. As atitudes humanas que revelam constituem a base duma visão cristã do mundo na época actual. Importa que sejam repensadas cristãmente.

A primeira é a consciência da existência da grande família dos homens, de traços idênticos dum denominador comum ao homem de Tokio ou de Washington, de Roma ou de Accra. Esta é a base humana em que assenta o Corpo Místico.

Depois, e apesar das discriminações da África do Sul ou da colectivização dos países comunistas, há no mundo um reconhecimento cada vez maior da dignidade da pessoa humana, valor essencial do cristianismo. A Igreja tem de fazer levar esse reconhecimento dum plano meramente humanístico ao plano religioso em que a pessoa se define em toda a sua imensa dignidade.

A tendência para a interdependência, para a quebra de fronteiras, mesmo quando unicamente determinada por motivos de medo, pode ser uma força na edificação do Corpo Místico. Para muitos homens, ele não será talvez uma realidade senão na medida em que primeiro o tiverem experimentado no plano puramente natural. Segundo diz o P. Lubac, "A Redenção, sendo uma obra de restauração, aparece-nos como a recuperação da unidade perdida... a recuperação da unidade sobrenatural do homem com Deus, mas do mesmo modo a igualdade dos homens entre si".

A Igreja, através da sua participação que se produz no mundo abre novos caminhos à Igreja. A plenitude do cristianismo só pode ser atingida quer para os indivíduos quer para as nações numa fase de maturidade em que todas as potencialidades puramente humanas atingiram o seu máximo.

A consciência colectiva dos grandes problemas do mundo e da responsabilidade individual perante a sua resolução, abrindo caminho aos grandes programas de assistência técnica da ONU, é uma base duma caridade cristã e dum sentido missionário da Igreja.

V - A resposta da Igreja à vida internacional organizada

Consciente das necessidades do mundo e, ao mesmo tempo, das possibilidades novas que ele oferece, a acção evangelizadora, a Igreja participa na própria vida internacional organizada.

1) Antes de mais, pela presença dos católicos na vida internacional neutra. Problemas a resolver, instituições que importa levar à plenitude humana, até ao máximo das suas possibilidades de eficácia, não podem deixar a Igreja indiferente. São os leigos que são chamados a essa participação pela presença nos campos que lhes são próprios. Dum modo particular, as agências especializadas da ONU constituem os órgãos mais eficientes em que uma acção específica poderá realizar-se. Nelas convergem os poderes governamentais e os interesses das numerosas associações internacionais cuja acção e representatividade foram reconhecidas. Através delas, é possível dar nova feição ao mundo em que tive-

(A FAO, a UNESCO, a OMS, o BIT, etc.)



mos. Ninguém tem, por isso, o direito de se desinteressar ou de não contribuir eficazmente para o seu pleno rendimento.

Aliás, a atitude da Santa Sé tem sido clara a este respeito. Com frequência o Santo Padre tem chamado a atenção dos católicos para a necessidade da sua presença no mundo neutro. É particularmente importante a colaboração a dar aos programas de assistência técnica da ONU. No seu discurso ao Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, o Santo Padre mostrou como a simples presença de cristãos profissionalmente competentes e profundamente aptos a testemunhar Cristo pela sua vida toda, é já de si um elemento apostólico de primeira importância na vida internacional. Actualmente a ONU não tem os técnicos de que precisa para os programas de assistência técnica - e entretanto que fazem os católicos? Muitos passeiam o seu tédio e a sua mediocridade na inconsciência da missão que lhes cabe.

Mas, com a existência de novas instituições no plano internacional, a Igreja tem em relação a elas um dever de cristianização também. É fácil que sejam usadas para o abuso de prepotências militares ou económicas ou que sejam desvirtuadas num humanismo limitado, em que a negação da dimensão religiosa do homem é já de si a maior mutilação que ao próprio ideal do homem se pode fazer. Ao procurarem libertá-lo de que julgam escravidão a Deus, as tendências humanísticas escravizam-no à sua própria condição humana, no emaranhado complexo das paixões que a solicitam.

Por outro lado, só a Igreja tem o segredo da eficácia, que está para além do tempo. Só n'ela as coisas e as ideias adquirem perenidade. Julgamos muitas vezes que a Igreja tem sempre de usar métodos retrógrados, ideias universalmente aceites, ou mesmo princípios cuja formulação nada diz ao homem de hoje. Na verdade, quando assim se desfigura a face da Igreja, somos nós, católicos, que o fazemos. São os leigos os responsáveis pela fisionomia humana que a Igreja apresenta ao mundo. A Verdade e o Amor não são palavras vãs - mas têm de traduzir-se em obras inteligentes e em generosidade sem limites para que os homens nelas acreditem.

Algumas observações importa fazer quanto às condições de presença dos católicos nas organizações internacionais. Se é desejável a sua presença nas organizações internacionais neutras que asseguram o respeito dos valores essenciais da pessoa humana, é extremamente perigosa (e na maioria dos casos condenável) a sua presença em instituições só formalmente internacionais e que não são senão uma maneira nova de determinadas potências ou ideologias fazerem pesar a sua força sobre o mundo.

Também o trabalho nas organizações internacionais não se confunde com um idealismo universalista incarnado em super-estruturas sem qualquer consistência real. É essa porém uma tentação fácil de todos os que trabalham no plano internacional. A existência de mais de 1300 organizações internacionais põe a interrogação angustiante da sua eficiência e da sua relação com os outros planos da vida humana. Uma perspectiva internacional desenraizada das estruturas nacionais e regionais em que os indivíduos naturalmente se agrupam segundo os valores étnicos e culturais comuns, carece totalmente de sentido. Só é possível um autêntico espírito



internacional quando existe uma profunda marca dos valores nacionais. Só podemos abrir-nos aos valores dos outros povos quando os filtrarmos através da nossa própria personalidade, plenamente adulta. Esta inserção no nacional parece-me ser uma condição indispensável das organizações internacionais que querem ser mais do que um exército de fantasmas. O plano internacional não se sobrepõe ao nacional - completa-o e aperfeiçoa-o, mas supõe-o sempre. Não se tema por isso o interesse pelo que é internacional - ele será tanto mais fecundo quanto mais forte for a consciência que possuímos dos valores nacionais. (Desorientação da Europa em relação à descoberta dos valores africanos).

Mais do que qualquer outro homem, tem o católico o dever de salvaguardar a justa hierarquia dos valores e de ver o homem em todas as dimensões da sua vida sem qualquer mutilação.

2

Mas a contribuição dos católicos para a resolução dos problemas internacionais não é só indirecta. Cabe-lhes também uma contribuição directa, sob uma forma organizada. As organizações internacionais católicas surgem assim como a afirmação conjunta dos católicos nas várias esferas em que são chamados a colaborar. Constituem a forma mais perfeita e eficaz dos católicos no plano internacional.

Nunca como hoje os católicos tiveram a possibilidade de fazer ouvir a sua voz e de influenciar fortemente o destino dos povos. Pela sua união no plano internacional, dão testemunho da unidade e universalidade da Igreja. A doutrina de vida, de que são mensageiros, obriga todas as instituições.

As organizações internacionais católicas exprimem assim o pensamento da Igreja nos vários domínios da ordem temporal. São chamadas, por um lado, a definir os princípios fundamentais e eternos da Igreja e, por outro lado, a procurar as soluções concretas em que eles tomam corpo. Têm de estar atentas às correntes que no mundo se defrontam, para serem uma presença na vanguarda da resolução dos problemas. São a revelação, feita ao mundo, de que é possível uma unidade estável, profunda, duradoura, para além de todas as diferenças de nacionalidades e de culturas, mesmo na resolução dos problemas temporais.

Permitem uma troca de experiências entre países, feita numa base universal e assente nos valores essenciais. O diálogo que as OIC tornam possível só pode ser profundamente entendido por quem já alguma vez nele participou. Esse diálogo tem de ser mais do que um encontro agradável - tem de ser a expressão duma comunidade. A participação no trabalho das OIC e nas suas reuniões internacionais é uma experiência viva e actual da universalidade da Igreja. Então viajar não é um luxo, mas um encontro de irmãos. Ao entender-se assim pela experiência directa a dimensão universal da Igreja, está-se mais apto a viver no quotidiano essa mesma dimensão e a desprezar as diferenças de classe ou de mentalidade que surgem no nosso próprio País ou na nossa família e a construir com todos os homens que nos rodeiam o Corpo Místico de Cristo.

Ao debruçarem-se sobre os problemas do mundo interna-



cional, as OIC elaboram um pensamento, definem orientações, enriquecem o património da Igreja. Nessa síntese dos elementos que provêm do plano nacional, encontram uma linha nova, própria do plano internacional. É essa linha e as orientações que dela decorrem que se tornam o elemento dinamizador e orientador dos grupos nacionais na mais perfeita procura das suas fórmulas apostólicas e na sua inserção na Igreja universal. Os movimentos nacionais católicos são tanto mais ricos, tanto mais aptos a responderem aos problemas e às inquietações dos homens do nosso tempo, quanto mais integrados estiverem nos respectivos movimentos ou organizações internacionais católicas.

As organizações internacionais católicas exercem também uma acção apostólica, enquanto tais, junto das organizações internacionais neutras, de forma especial junto das agências da ONU onde algumas possuem estatuto consultivo.

3

VI - Aspectos práticos do interesse pelo plano internacional

Mas, perante todo o conjunto e complexidade da vida internacional organizada, é natural que cada um ponha a pergunta: também eu tenho algum contributo específico a dar?

Creio, por isso, que tem interesse ver como se enraiza na nossa vida pessoal a vida internacional da Igreja. É certo que alguns são chamados a dar-lhe uma contribuição que se pode considerar de verdadeira especialidade. Mas todos os católicos têm alguma coisa a dar de próprio à vida internacional.

Antes do mais, pela sua profunda inserção na vida da Igreja. Tem andado a AC, nos últimos dois anos, empenhada em fazer descobrir aos leigos o seu lugar na Igreja. É essa a visão essencial de que precisamos. Fundamentalmente pela profunda vivência da Liturgia - não como um factor extra na nossa vida toda, mas como a fonte da verdadeira vida. Liturgia que faz da Missa o centro dum catolicismo real e autêntico. Liturgia que estabelece a única e verdadeira unidade com todos os cristãos. Liturgia que faz descobrir o sentido novo à vida e que confere a todos os acontecimentos a perspectiva do próprio plano de Deus.

Alguns pontos de uma atitude individual são os seguintes:

- Em primeiro lugar, adquirir uma profunda visão cristã universal através de estudo e discussão dos problemas. É muito fácil para a nossa mentalidade de portugueses afirmarmos dogmáticamente verdades que mal afloramos. Ora os problemas do plano internacional só se conhecem quando se estudam, como aliás acontece com qualquer outro ramo do conhecimento. Para isso há numerosas possibilidades, desde as reuniões periódicas que, por exemplo, a JUCF tem realizado. Há toda uma literatura, quer de doutrina quer de factos, que pode ajudar a adquirir uma visão internacional.

- É preciso treinarmo-nos em atitudes verdadeiramente cristãs face a quaisquer problemas de discriminação racial ou cultural no nosso próprio meio, tendo uma alma aberta para os estran-

Ver



leigos, procurando não classificar arbitrariamente os povos e as pessoas em categorias

- Todos os que têm alguma responsabilidade educativa devem despertar o interesse pelos grandes problemas da Igreja nos nossos dias e, dum modo especial, levar a juventude a escolher as carreiras de serviço (medicina, enfermagem, assistência social, ensino) tão necessárias nos países sub-desenvolvidos

- É necessário conhecer as Nações Unidas e o âmbito de acção das suas agências especializadas. Estudar as possibilidades da concretização das suas resoluções no contexto nacional, encarar mesmo a hipótese de um trabalho nesse campo.

Dum modo especial, um campo está neste momento aberto ao católico. Um problema preocupa actualmente de forma muito especial a Igreja: a evangelização do continente africano. Se já a Encíclica "Evangelii Praecones" tinha despertado a consciência missionária das OIC mais profundamente comprometidas na Igreja, a Encíclica "Fidei donum" tornou o interesse por África um imperativo para todo o católico. Assim o entenderam as OIC, promovendo reuniões como o Encontro Africano de estudantes de todas as Universidades da África Negra, promovido em Dezembro último pela Pax Romana em Ghana, e procurando estudar seriamente as suas possibilidades de acção no continente africano.

Ainda de 24 a 27 de Abril estiveram reunidos na Alemanha todos os presidentes de todas as organizações internacionais católicas, bem como teólogos, missionários e peritos do problema africano. Entre todos o Bispo Kiwanuka da Uganda, primeiro Bispo negro da Igreja, levou a reunião, que teve excepcional interesse, debateram-se os principais aspectos dum trabalho coordenado de todas as OIC em África.

E uma conclusão se afirma nítida: é o momento de dar seguimento ao apelo do Santo Padre. A África precisa dos leigos. Precisa da acção, do interesse actuante daqueles que continuam vivendo nos seus próprios países. Mas precisa que alguns vão mais longe e que ponham toda a sua alma e o seu talento ao serviço da Igreja em África. Com um compromisso permanente ou temporário (de 2 a 5 anos) mais de 2000 leigos, pertencentes a diversos movimentos de laicado missionário, estão actualmente trabalhando em África. Homens e mulheres das mais variadas profissões estão actualmente a prestar um serviço inestimável à Igreja através do seu trabalho profissional, realizado em espírito de serviço e caridade sem limites, partilhando as aspirações dos povos entre os quais são chamados a viver, cooperando na formação dos indígenas como dirigentes católicos verdadeiramente responsáveis na construção duma sociedade e dum tipo de vida integrados com os valores cristãos.

Tal é um dos aspectos mais importantes da actividade dos leigos dos nossos dias na vida internacional.

Gostaria de acrescentar ainda uma pequena nota. Poder-se-á perguntar se a vida internacional é um terreno próprio para a actividade da mulher. Sem querer neste momento fazer teoria



convém desenvolver esta ideia mais tarde

sobre o assunto, quero apenas salientar que à mulher cabe de forma especial a salvaguarda dos valores religiosos e da dignidade da pessoa humana. Por isso, o Santo Padre tem assinalado como uma das tarefas especificamente femininas a contribuição para a paz internacional, para a construção dessa unidade entre os homens. Da mesma forma que Nossa Senhora deu, pela sua inteira docilidade a Deus, possibilidade ao nascimento físico de Cristo, também cada mulher é chamada a contribuir para a formação do Corpo Místico de Cristo. Tal é o sentido religioso último da sua participação na vida internacional.

VII - O Amor, chave de todo o apostolado dos leigos

Perante tudo o que fica dito, é legítima uma certa atitude de desconfiança em face de tanta organização e estrutura. Realizada na fria determinação de uma lógica ~~mas~~ só cimentada na análise rigorosa dos acontecimentos históricos, a participação na vida internacional só tem sentido cristão quando toma raiz em valores mais profundos.

Fundação Cuidar o Futuro

incompleto